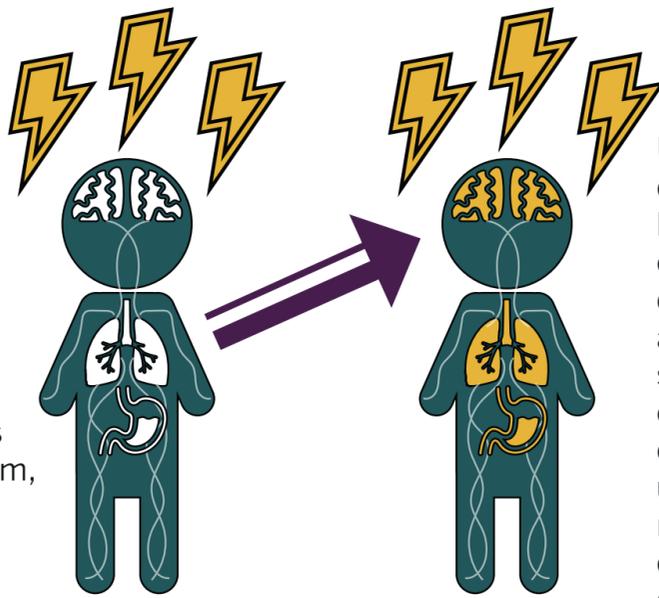
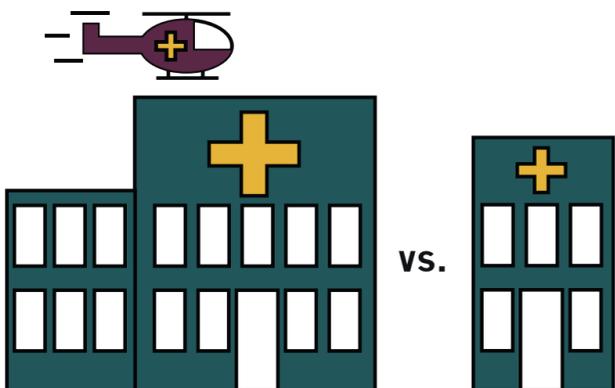


COMO O RACISMO PODE AFETAR O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Anos de estudos científicos nos mostraram que, quando os sistemas de resposta ao estresse das crianças permanecem ativados em níveis elevados por longos períodos, isso pode ter um efeito significativo de desgaste no cérebro em desenvolvimento e em outros sistemas biológicos. Também pode ter impactos duradouros na aprendizagem, no comportamento e na saúde física e mental.¹

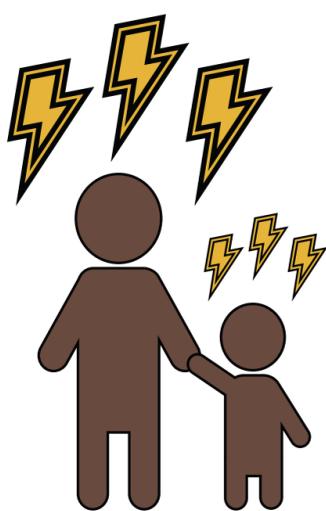
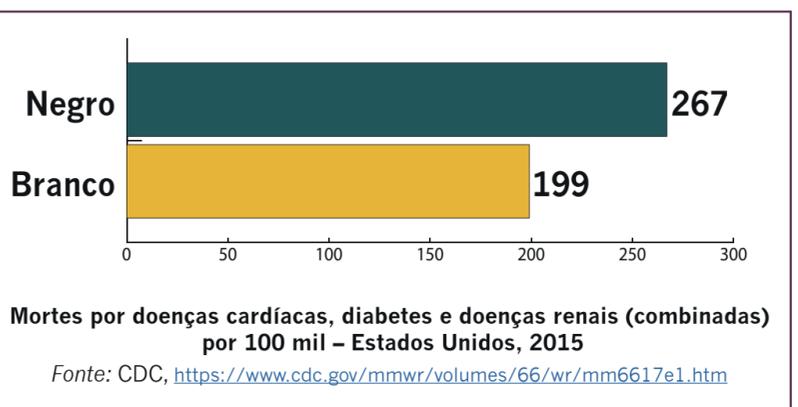


Um crescente conjunto de evidências, tanto das ciências biológicas quanto das sociais, conecta esse conceito de desgaste crônico relacionado ao racismo.² Esta pesquisa sugere que o enfrentamento constante do racismo sistêmico e da discriminação cotidiana é um potente ativador da resposta ao estresse. É possível que isso nos ajude a entender as origens primárias das disparidades raciais, no que se refere a doenças crônicas ao longo da vida.



As evidências são desalentadoras: negros, indígenas e outras pessoas não brancas nos Estados Unidos têm, em média, mais problemas crônicos de saúde e menor expectativa de vida do que brancos em todos os níveis de renda.³

Não brancos recebem tratamento desigual quando se apresentam aos serviços de saúde e educação. Além disso, essas pessoas têm menos acesso à educação e a serviços de saúde de alta qualidade, bem como a oportunidades econômicas e caminhos para acúmulo de riqueza.⁴ Tudo isso reflete as maneiras pelas quais o legado do racismo estrutural nos Estados Unidos criou condições que prejudicam desproporcionalmente a saúde e o desenvolvimento de crianças e famílias de não brancos.



Vários estudos documentaram como o estresse da discriminação cotidiana nos pais ou outros cuidadores (por exemplo, ser associado a estereótipos negativos) pode ter efeitos prejudiciais nos comportamentos de quem cuida e na saúde mental do adulto.⁵ E quando a saúde mental dos cuidadores é afetada, os desafios de lidar com ela podem causar uma resposta excessiva ao estresse em seus filhos. No entanto, podemos evitar danos duradouros se trabalharmos juntos.

Para enfrentar esses desafios, devemos não apenas fornecer os serviços necessários para todas as crianças e famílias, mas também criar novas estratégias para lidar com desigualdades crescentes que ameaçam sistematicamente a saúde e o bem-estar das crianças pequenas não brancas e dos adultos que cuidam delas.⁶

Isso significa buscar ativamente e reduzir preconceitos restritivos e velados em nós mesmos e nas políticas socioeconômicas, por meio de iniciativas como práticas justas de contratação e empréstimo, programas de moradia e compra da casa própria, campanhas de combate ao preconceito e iniciativas de políticas comunitárias.⁷



É claro que a ciência não pode enfrentar esses desafios sozinha. Porém, o pensamento pautado em ciência, o conhecimento para mudar sistemas arraigados e as experiências vividas por famílias que criam filhos pequenos sob uma ampla variedade de condições podem ser fortes catalisadores para estratégias mais eficazes.⁸